

## ***The purple jar*, de Maria Edgeworth**

Tradução de Cristiane Bezerra do Nascimento<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Natália Elisa Lorensetti Pastore<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Maria Edgeworth, autora de *The Purple Jar*, nasceu em Oxfordshire, na Inglaterra, em 1768 e, aos cinco anos, se mudou com a família para Edgeworthstown, na Irlanda. Durante sua vida lá, a autora escreveu romances, contos e trabalhou com literatura infanto-juvenil, lidando com temas como a vida irlandesa e questões políticas e sociais. Faleceu em 1849, no país que cresceu.

Seu conto, *The Purple Jar*, foi publicado pela primeira vez em 1796, no livro *The Parent's Assistant*. Atualmente, ele encontra-se como o primeiro conto da coletânea *The Long Gaze Back: An Anthology of Irish Women Writers*, organizado pela também autora irlandesa Sinéad Gleeson, tendo sido publicada em 2015 pela editora New Island Books. O objetivo do livro é a compilação de contos de autoras irlandesas, cujas vozes foram importantes em diversos momentos da história do país, abrangendo textos de séculos passados até o cenário contemporâneo.

A escolha de *The Purple Jar* - aqui traduzido como A Jarra Púrpura -, se deu, primeiramente, por se tratar de um conto escrito por uma mulher, estar em domínio público e ser o conto mais conhecido da autora, cujo tema se relaciona aos contos de fada, que no final trazem uma lição e reflexão para o público-leitor.

O conto trata da história de Rosamond, uma menina que, ao fazer compras com suas mães, precisa escolher entre ganhar um sapato novo, pois o seu já está muito gasto, ou um recipiente que ela acredita ser um vaso de flor, cuja cor a fascina. Sua escolha acarreta consequências que se refletem na moralidade da história.

---

<sup>1</sup> Mestranda no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) - UFSC. E-mail: cristianebez@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda no curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) - UFSC. E-mail: natalia.e.pastore@gmail.com.

Para a tradução apresentada a seguir, o projeto tradutório levou em consideração como público alvo pretendido, estudantes de graduação da área de Letras que buscam conhecer mais sobre a literatura da Irlanda escrita por mulheres. Levando em conta as características da época em que o conto foi escrito, optamos por um registro de linguagem que pode remeter o leitor a língua portuguesa falada no século XVIII, trazido no texto pelo uso do pronome pessoal tu. O uso de diminutivos se dão na fala da criança, para que sua linguagem não se assemelhe a de um adulto, destacando a diferença de idade entre Rosamond e seus pais. Optou-se por traduzir *vase* por “jarra” e não “vaso”, uma vez que o recipiente, como consta no conto, possui uma tampa para que seu líquido não vaze e a mãe afirma que seu principal uso não é como vaso de flor. Por outro lado, a jarra pode, ou não, possuir uma tampa, servindo primeiramente como recipiente de líquido, mas também tendo o uso de vaso de flor. Neste projeto tradutório, a cor *purple* foi traduzida por ‘púrpura’, não ‘roxo’, pois, de acordo com a visão das tradutoras, o tom púrpura remete a uma cor mais intensa, que traz a possibilidade de fascinação aos olhos infantis de Rosamond, sendo o tom do conto.

Espera-se que esta tradução atinja seu objetivo de difundir a literatura feminina irlandesa, bem como proporcionar uma boa experiência ao leitor.

### **A jarra púrpura**

Rosamond, uma garotinha por volta dos sete anos de idade, estava caminhando com sua mãe pelas ruas de Londres. Enquanto passeava, olhava as vitrines de diversas lojas e via uma variedade de coisas as quais não conhecia, muito menos seus nomes. Desejou parar para olhá-las, mas havia muitas pessoas pelas ruas, carroças, carruagens e carrinhos de mão. Rosamond estava com medo de soltar a mão de sua mãe.

“Ah! Mãe, quão feliz eu seria,” disse ela, enquanto passava pela loja de brinquedos, “se tivesse todas essas coisas lindas!”

“Não diga! Anseias por todos, Rosamond?”

“Sim, mamãe, todos.”

Enquanto falavam, chegaram na chapelaria. Na vitrine, estavam penduradas as fitas, rendas e decorações de flores artificiais.

“Ah! Mamãe, que rosas lindas! Não vais comprar nenhuma?”

“Não, meu bem.”

“Por que?”

“Porque eu não as quero, meu bem.”

Andaram mais um pouco e chegaram a outra loja que chamou a atenção de Rosamond. Era uma joalheria, cheia de decorações natalinas penduradas por trás do vidro.

“Mamãe, não vais comprar nenhuma dessas?”

“Qual delas, Rosamond?”

“Qual? Não sei, qualquer uma, todas são lindas.”

“Sim, são todas lindas, mas qual seria o uso?”

“Usar! Tenho certeza que encontrarás algum uso se comprasse antes.”

“Mas eu prefiro saber seu uso primeiro.”

Rosamond lamentou que sua mãe não desejava nada. No entanto, chegaram a uma loja que, para ela, parecia a mais bonita de todas. Chegaram a uma drogaria, mas Rosamond não sabia disso.

“Ah, mamãe! Ah!”, choramingou, puxando a mão de sua mãe. “Olha! Olha! Azul, verde, vermelho, amarelo e roxo! Ah, mamãe, quantas coisas lindas! Não vais comprar nenhuma?”

Ainda assim, a mãe respondeu novamente, “Qual seria o uso para mim, Rosamond?”

“Podes colocar flores nelas, mamãe, e elas ficariam lindas na bancada da chaminé. Queria ter uma delas.”

“Tu tens um vaso de flores,” disse a mãe, “e isso não é para flores.”

“Mas eu poderia usar como um vaso mamãe, sabes disso.”

“Talvez se olhasse mais de perto, observasse bem, ficarias desapontada.”

“Não, na verdade tenho certeza que não ficaria. Eu gostaria demais.”

Rosamond manteve seu olhar na jarra púrpura até que não pudesse mais a ver.

“Então, mãe...” disse, após uma pausa, “talvez não tenhas dinheiro.”

“Sim, tenho.”

“Tadinha de mim! Se eu tivesse dinheiro, compraria rosas e caixas e vasos de flores e tudo mais.” Rosamond foi obrigada a interromper seu discurso.

“Ah, mamãe, poderias esperar por mim? Tem uma pedra no meu sapatinho, está me machucando muito.”

“Como uma pedra foi parar no seu sapato?”

“Por causa deste grande buraco, mamãe, entrou por aqui. Meus sapatinhos estão bastante gastos. Gostaria que fosses boazinha comigo e me desse um novo par.”

“Não Rosamond, não tenho dinheiro suficiente para comprar sapatos e vasos de flores e caixas e tudo mais.”

Rosamond achou que era uma pena. Mas agora seu pé, machucado pela pedra, doía tanto que a cada passo era obrigada a parar, fazendo com que não pensasse em mais nada. Logo em seguida, chegaram a uma loja de sapatos.

“Ali! Ali tem sapatinhos, mamãe! Tem sapatinhos que caberiam em mim, e sabes que eles me seriam úteis.”

“Sim, seriam, Rosamond. Entre.”

Ela seguiu a mãe pela loja. Sr. Sole, o sapateiro, tinha muitos clientes e a loja estava cheia, então foram obrigadas a esperar.

“Bem, Rosamond,” disse a mãe, “não achas essa loja tão bonita quanto as outras?”

“Não, nem um pouco. É escura e não tem nada além de sapatos. Além do mais, tem um cheiro muito desagradável.”

“Este é o cheiro de couro novo.”

“É? Ah!” disse Rosamond, olhando ao redor, “tem um par de sapatinhos, eles vão me servir, tenho certeza.”

“Talvez, mas não podes ter certeza até provar, do mesmo modo que não terás certeza se gostarás da jarra púrpura até que a examine atentamente.”

“Bom, certamente não saberei dos sapatinhos até provar, mas tenho certeza sobre a jarra, mamãe.”

“Então, qual preferes: aquela jarra ou o par de sapatos? Comprarei um dos dois.”

“Obrigada mamãezinha. E se comprasses os dois?”

“Não, os dois não.”

“Então a jarra, por favor.”

“Mas devo lhe dizer que, este mês, não te comprarei outro par de sapatos.”

“Este mês! Realmente é muito tempo. Não imaginas o quanto estão me machucando. Acredito que seria melhor sapatinhos novos, mas aquela jarra... Ah, na verdade mamãe, até que estes sapatinhos não estão tão ruins. Acho que consigo usar por mais um tempo, e o mês terminará logo. Posso usá-los até o final do mês, não? Não concordas, mamãe?”

“Não, meu bem, quero que decidas por si só. Tens tempo suficiente para pensar enquanto converso com o Sr. Sole sobre minhas botas.”

Enquanto sua mãe conversava com Sr. Sole, que estava em seu intervalo, Rosamond refletia profundamente, com um sapato no pé e outro na mão.

“Então, meu bem, decidiu?”

“Mamãe! Sim, acho. Se tudo bem, gostaria do vaso de flor. Digo, se não me achar boba, mamãe.”

“Bem, isso não posso te prometer, Rosamond. Mas, ao fazer uma escolha, deves pensar no que te faz mais feliz, e não importa se alguém te achar boba.”

“Então mamãe, se for assim, tenho certeza que o vaso de flor vai me fazer mais feliz.” Disse ela, calçando seu velho sapato novamente. “Escolho o vaso de flores.”

“Muito bem, assim o terá. Afivela teu sapato e vamos para casa.”

Rosamond afivelou seu sapato e correu para sua mãe. Não demorou muito até que o sapato começasse a machucar, e, por muitas vezes, mancando de dor, foi obrigada a parar para tirar as pedras dele. Mas, ainda com o pensamento na jarra púrpura, manteve sua escolha.

Quando chegaram a loja da grande vitrine, a felicidade de Rosamond se multiplicou ao ouvir sua mãe solicitar ao criado, que as acompanhava, para comprar a jarra púrpura e levá-la para casa. Ele tinha outras tarefas, logo não retornou com elas. Rosamond, assim que entrou em casa, correu para colher todas as flores que haviam em um canto do jardim de sua mãe.

“Temo que as flores morrerão antes da jarra chegar, Rosamond.” Disse a mãe para a filha, enquanto ela entrava com as flores no colo.

“Não mamãe, ele chegará logo, acredito eu. E ficarei muito feliz as colocando na jarra púrpura, não é?”

“Espero que sim, meu bem.”

O criado demorou a retornar, mais do que o esperado por Rosamond, mas assim que chegou, trouxe consigo a tão desejada jarra. No momento que foi posta a mesa, Rosamond pulou de alegria.

“Posso pegá-la agora, mamãe?”

“Sim, meu bem, é sua.”

Rosamond soltou as flores no carpete e pegou a jarra púrpura “Ah, mamãezinha!”, choramingou assim que removeu a tampa. “Tem alguma coisa escura dentro e o cheiro é muito desagradável. O que é isso? Eu não quero essa coisa preta.”

“Nem eu, meu bem.”

“Mas o que farei com isso, mamãe?”

“Isso não posso dizer.”

“Mas não me servirá de nada, mamãe.”

“Nisso não posso ajudar.”

“Mas preciso jogar fora e encher a jarra de água.”

“Faça como preferir, meu bem.”

“Tu me emprestarias uma bacia para que eu jogue isso dentro, mamãe?”

“Isso é mais do que te prometi, meu bem, mas irei te emprestar uma bacia.”

A bacia foi entregue a Rosamond, que passou a esvaziar a jarra púrpura. Mas, para sua surpresa e frustração, quando a jarra ficou completamente vazia, descobriu que ela não era púrpura! Era apenas uma jarra de vidro branco, que aparentava ser de uma linda cor devido ao líquido que a preenchia.

A pequena Rosamond desabou em lágrimas.

“Por que choras, meu bem?” disse a mãe. “A jarra servirá tão bem como um vaso de flor quanto antes.”

“Mas não ficará tão bonita sobre a bancada da chaminé. Tenho certeza que se eu soubesse que a jarra não era púrpura, não a teria desejado tanto.”

“Não disse que talvez ficasses frustrada se não a observasse direito?”

“E realmente estou frustrada. Queria ter acreditado na senhora antes. Agora preferia ter os sapatinhos, pois não conseguirei caminhar durante todo o mês. Até o pouco que caminhamos voltando para casa me machucou muito. Mamãe, te darei a jarra de volta, com aquela coisa púrpura, se me deres os sapatinhos.”

“Não, Rosamond, precisa se conformar com sua escolha. E agora o melhor que podes fazer é lidar com sua frustração usando o bom humor.”

“Lidarei com isso como conseguir.” disse Rosamond, enxugando os olhos e enchendo a jarra com flores, lentamente e dolorosamente.

Mas a frustração de Rosamond não acabou por aqui. Muitas foram as dificuldades e incômodos devido a sua escolha imprudente até o final do mês. Todo dia seus sapatos desgastavam mais e mais, até que ela não pudesse correr, dançar, pular ou até caminhar. Sempre que era chamada para ver alguma coisa estava arrumando seus sapatos, e tinha certeza que se atrasaria. Sempre que sua mãe saía para passear não podia levar a filha consigo, já que os sapatos de Rosamond não tinham sola. Até que, no último dia do mês, seu pai sugeriu levar ela e seu irmão à casa dos espelhos, que ela almejava visitar a tempos. Estava muito feliz, porém, quando estava quase pronta, com seu chapéu e luvas, e descendo as escadas apressada para encontrar seu irmão e seu pai, que já a esperavam na entrada, seu sapato caiu do pé. Ela o colocou novamente, com pressa, mas, enquanto atravessava a entrada, seu pai questionou.

“Por que estás toda desleixada? Ninguém sai desleixado comigo. Por que, Rosamond?” disse ele, encarando os sapatos com desgosto. “Achei que estivesse sempre elegante. Não posso te levar comigo.”

Rosamond corou e se retirou. “Ah, mamãe,” disse ela, enquanto tirava o chapéu. “Como eu queria ter escolhido aqueles sapatinhos! Eles seriam muito mais úteis para mim do que aquela jarra. No entanto, tenho certeza, não tanta, mas espero ser mais esperta em uma próxima vez.”

### **The purple jar**

ROSAMOND, a little girl about seven years old, was walking with her mother in the streets of London. As she passed along, she looked in at the windows of several shops, and saw a great variety of different sorts of things, of which she did not know the use, or even the names. She wished to stop to look at them, but there was a great number of people in the streets, and a great many carts, carriages, and wheelbarrows, and she was afraid to let go her mother's hand.

“O, mother, how happy I should be,” she said, as she passed a toy-shop, “if I had all these pretty things!”

“What, all! Do you wish for them all, Rosamond?”

“Yes, mamma; all.”

As she spoke, they came to a milliner’s shop, the windows of which were decorated with ribbons and lace, and festoons of artificial flowers.

“Oh, mamma, what beautiful roses! Won’t you buy some of them?”

“No, my dear.”

“Why?”

“Because I don’t want them, my dear.”

They went a little further, and came to another shop, which caught Rosamond’s eye.

It was a jeweller’s shop, and it were a great many pretty baubles, ranged in drawers behind glass.

“Mamma, will you buy some of these?”

“Which of them, Rosamond?”

“Which? I don’t know which; any of them will do, for they are all pretty.”

“Yes, they are all pretty; but of what use would they be to me?”

“Use! Oh, I’m sure you could find some use or other for them if you would only buy them first.”

“But I would rather find out the use first.”

Rosamond was very sorry that her mother wanted nothing. Presently however, they came to a shop, which appeared to her far more beautiful than the rest. It was a chemist’s shop, but she did not know that.

“Oh, mother, oh!” cried she, pulling her mother’s hand, “look, look! Blue, green, red, yel-low, and purple! Oh, mamma, what beautiful things! Won’t you buy some of these?”

Still her mother answered as before, “Of what use would they be to me, Rosamond?”

“You might put flowers in them, mamma, and they would look so pretty on the chimneypiece. I wish I had one of them.

“You have a flower-pot,” said her mother, “and that is not a flower-pot.”



“But I could use it for a flower-pot, mamma, you know. ”

“Perhaps if you were to see it nearer, if you were to examine it, you might be disappointed.”

“No, indeed, I’m sure I should not; I should like it exceedingly. ”

Rosamond kept her head turned to look at the purple vase, till she could see it no longer.

“Then, mother, ” said she, after a pause, “perhaps you have no money.”

“Yes, I have. ”

“Dear me, if I had money I would buy roses, and boxes, and buckles, and purple flower-pots, and everything. ” Rosamond was obliged to pause in the midst of her speech.

“Oh, mamma, would you stop a minute for me? I have got a stone in my shoe; it hurts me very much.”

“How comes there to be a stone in your shoe?”

“Because of this great hole, mamma – it comes in there; my shoes are quite worn out. I wish you would be so very good as to give me another pair.”

“Nay, Rosamond, but I have not got money enough to buy shoes, and flower-pots, and buckles, and boxes, and everything.”

Rosamond thought that was a great pity. But now her foot, which had been hurt by the stone, began to give her so much pain that she was obliged to hop every other step, and she could think of nothing else. They came to a shoemaker’s shop soon afterwards.

“There, there! Mamma, there are shoes; there are little shoes that fit me, and you know shoes would be really of use to me.”

“Yes, so they would, Rosamond. Come in.” She followed her mother into the shop.

Mr. Sole, the shoemaker, had a great many customers, and his shop was full, so they were obliged to wait.

“Well, Rosamond,” said her mother, “you don’t think this shop so pretty as the rest?”

“No, not nearly; it is black and dark, and there are nothing but shoes all round; and, be-sides, there’s a very disagreeable smell.”

“That smell is the smell of new leather.”

“Is it? Oh!” said Rosamond, looking round, “there is a pair of little shoes; they’ll just fit me, I’m sure.”

“Perhaps they might; but you cannot be sure till you have tried them on, any more than you can be quite sure that you should like the purple vase exceedingly, till you have examined it more attentively.

“Why, I don’t know about the shoes, certainly, till I have tried; but, mamma, I am quite sure that I should like the flower-pot.”

“Well, which would you rather have, that jar, or a pair of shoes? I will buy either for you.”

“Dear mamma, thank you – but you could buy both?”

“No, not both.”

“Then the jar, if you please.”

“But I should tell you, that in that case I shall not give you another pair of shoes this month.”

“This month! That’s a very long time indeed! You can’t think how these hurt me; I believe I’d better have the new shoes. Yet, that purple flower-pot. O, indeed, mamma, these shoes are not so very, very bad! I think I might wear them a little longer, and the month will soon be over. I can make them last till the end of the month, can’t I? Don’t you think so, mamma?”

“Nay, my dear, I want you to think for yourself; you will have time enough to consider the matter, whilst I speak to Mr. Sole about my clogs.”

Mr. Sole was by this time at leisure, and whilst her mother was speaking to him, Rosamond stood in profound meditation, with one shoe on, and the other in her hand.

“Well, my dear, have you decided?”

“Mamma! – yes, - I believe I have. If you please, I should like to have the flower-pot; that is, if you won’t think me very silly, mamma.”

“Why, as to that, I can’t promise you, Rosamond; but, when you have to judge for yourself, you should choose what will make you happy, and then it would not signify who thought you silly.”

“Then, mamma, if that’s all, I’m sure the flower-pot would make me happy,” said she, putting on her old shoe again; “so I choose the flower-pot.”

“Very well, you shall have it; clasp your shoe, and come home.”

Rosamond clasped her shoe and ran after her mother.

It was not long before the shoe came down at the heel, and many times she was obliged to stop to take the stones out of it, and she often limped with pain; but still the thoughts of the purple flower-pot prevailed, and she persisted in her choice.

When they came to the shop with the large window, Rosamond felt much pleasure upon hearing her mother desire the servant, who was with them, to buy the purple jar, and bring it home. He had other commissions, so he did not return with them. Rosamond, as soon as she got in, ran to gather all her own flowers, which she kept in a corner of her mother’s garden.

“I am afraid they’ll be dead before the flower-pot comes, Rosamond,” said her mother to her, as she came in with the flowers in her lap.

“No, indeed, mamma, it will come home very soon, I dare say; and shan’t I be very happy putting them into the purple flower-pot?”

“I hope so, my dear.”

The servant was much longer returning home than Rosamond had expected; but at length he came, and brought with him the long-wished-for jar. The moment it was set down upon the table, Rosamond ran up to it with an exclamation of joy:

“I may have it now, mamma?”

“Yes, my dear, it is yours.”

Rosamond poured the flowers from her lap upon the carpet, and seized the purple flowerpot.

“Oh, my dear mother!” cried she, as soon as she had taken off the top, “but there’s something dark in it which smells very disagreeably. What is it? I didn’t want this black stuff.”

“Nor I, my dear.”

“But what shall I do with it, mamma?”

“As you please, my dear.”

“Will you lend me a bowl to pour it into, mamma?”

“That was more than I promised you, my dear; but I will lend you a bowl.”

The bowl was produced, and Rosamond proceeded to empty the purple vase. But she experienced much surprise and disappointment, on finding when it was entirely

empty, that it was no longer a purple vase. It was a plain white glass jar, which had appeared to have that beautiful colour merely from the liquor with which it had been filled.

Little Rosamond burst into tears.

“Why should you cry, my dear?” said her mother; “it will be of as much use to you now as ever, for a flower-pot.”

“But it won’t look so pretty on the chimneypiece. I am sure, if I had known that it was not really purple, I should not have wished to have it so much.”

“But didn’t I tell you that you had not examined it; and that perhaps you would be disappointed?”

“And so I am disappointed, indeed. I wish I had believed you at once. Now I had much rather have the shoes, for I shall not be able to walk all this month; even walking home that little way hurt me exceeding. Mamma, I will give you the flower-pot back again, and that purple stuff and all, if you’ll only give me the shoes.”

“No, Rosamond; you must abide by your own choice, and now the best thing you can possibly do, is to bear your disappointment with good humour.”

“I will bear it as well as I can,” said Rosamond, wiping her eyes, and she began slowly and sorrowfully to fill the vase with flowers.

But Rosamond’s disappointment did not end here. Many were the difficulties and dis-tresses into which her imprudent choice brought her, before the end of the month. Every day her shoes grew worse and worse, till at last she could neither run, dance, jump, or walk in them. Whenever Rosamond was called to see anything, she was detained pulling her shoes up at the heels, and was sure to be too late. Whenever her mother was going out to walk, she could not take Rosamond with her, for Rosamond had no soles to her shoes; and at length, on the very last day of the month, it happened that her father proposed to take her with her brother to a glasshouse, which she had long wished to see. She was very happy; but, when she was quite ready, had her hat and gloves on, and was making haste down stairs to her brother and father, who were waiting for her at the hall door, the shoe dropped off. She put it on again in a great hurry, but, as she was going across the hall, her father turned round.

“Why are you walking slipshod? no one must walk slip-shod with me; why, Rosamond,” said he, looking at her shoes with disgust, “I thought that you were always neat; go, I cannot take you with me.”

Rosamond colored and retired. “O, mamma,” said she, as she took off her hat, “how I wish that I had chosen the shoes! They would have been of so much more use to me than that jar: however, I am sure, I am sure, no, not just quite sure; but I hope I shall be wiser another time.”

## **REFERÊNCIAS**

EDGEWORTH, Maria. “The Purple Jar” In: *The long gaze back: an anthology of Irish women writers*. Ed. Sinéad Gleeson. Dublin, Ireland: New Island Books, 2015.